



# Trabalho (no) Feminino: (1850-1926) - Histórias dos Açores

## Mulheres Singulares

**Maria Teodora Pimentel (Angra do Heroísmo, 11/09/1864? – Angra do Heroísmo, 16/11/1948)** foi a primeira médica açoriana. Órfã de pai, a sua formação no Magistério Primário permitiu-lhe o sustento necessário, tendo-se destacado como professora complementar da freguesia da Conceição, na ilha Terceira, a qual ficaria a reger a partir de 14 de janeiro de 1884. A sua prestação em exame, para ocupar o cargo de professora, foi digna de elogios, numa altura em que se acusavam os júris desses exames de aspereza para com o sexo feminino. De tal forma foi respeitada enquanto professora que, em 1885, Maria Teodora Pimentel faria parte do júri dos exames para o curso complementar.

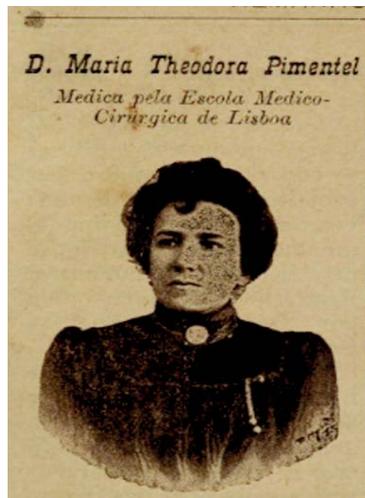
Em 1885, a imprensa angrense divulga a pretensão da professora em cursar a escola médico-cirúrgica em Lisboa, com o apoio da Câmara Municipal e Santa Casa da Misericórdia de Angra do Heroísmo, a pedido do Governador Civil daquele distrito, Augusto Maria da Fonseca Coutinho, o que gerou algum mimetismo imediato e ecos na imprensa de várias ilhas, mas igualmente algumas críticas e entraves. Para o efeito, realizou os vários exames no liceu de Angra do Heroísmo, com distinção. Os seus estudos foram patrocinados pelos seus conterrâneos, ora com o apoio municipal direto e o de outras entidades locais, ora com réditas e espetáculos promovidos especificamente para a amparar na estadia longe da ilha.

Em novembro de 1890, ao completar o primeiro ano na escola médico-cirúrgica de Lisboa, a imprensa terceirense destaca a máxima distinção da sua prestação enquanto aluna, considerando-a motivo de orgulho e distinção para a ilha Terceira, sobretudo pelo esforço e sacrifício que esse estudo significava. Concluiu o curso de medicina em agosto de 1895, defendendo a tese *Algumas palavras sobre a meningite como complicação de febre tifóide*, tomando-se, assim, a primeira açoriana a formar-se em medicina. Maria Teodora Pimentel regressaria a Angra em novembro de 1895, com intenção de abrir um consultório, recebendo, dos seus conterrâneos, elogios e homenagens. No seu regresso a Angra, seria nomeada médica do partido municipal, começando a exercer funções em julho de 1896, sete anos depois de Elisa Augusta da Conceição Andrade se ter tornado na primeira médica portuguesa, e numa altura em que, na Europa, alguns países condenavam a prática da medicina por mulheres. Enquanto médica municipal e distrital, serviria, primeiro, sob a orientação do Dr. Manuel António Lima, a quem sucederia, depois, na chefia do cargo.

Enquanto médica, e por princípio profissional e humano, Maria Teodora Pimentel destacou-se na assistência aos doentes da sua ilha em períodos marcados por epidemias e doenças infeto-contagiosas. Por esse motivo foi alvo de várias condecorações e recompensas regionais e nacionais. Em 1909, por decreto de 11 de março, seria gratificada com um acréscimo de 250\$00rs enquanto subdelegada de Saúde em Angra, pela sua atuação durante o surto de peste bubónica em 1908; em 1910, é emitida uma portaria de Louvor pela Secretaria do Reino pelo seu destaque no combate ao surto de Peste Bubónica na ilha Terceira; em 1918, o Alto Comissariado da República nos Açores faz um agradecimento público a 16 mulheres pela sua atuação durante a chamada Gripe Espanhola, onde se incluía Maria Teodora Pimentel; e em 1924, é condecorada pelo Ministro do Comércio, a pedido do Governador Civil de Angra do Heroísmo, pelos serviços prestados ao Distrito enquanto Delegada de Saúde, “pelo seu valor clínico e serviços beneméritos” no tratamento de várias epidemias (meningite, peste e gripe).

Maria Teodora Pimentel nunca casou e o património que reuniu adveio do seu trabalho exclusivamente. Na morte, tal como em vida, seria mais uma vez a figura do *anjo dos pobres*, legando todos os seus bens materiais aos mais necessitados, nomeadamente a sua própria residência ao Albergue Noturno de Angra do Heroísmo e os restantes bens para caridade. Não sendo uma figura totalmente desconhecida, carece ainda de uma biografia completa, prestando-se-lhe a devida homenagem na morte, tal como em vida.

Cristina Moscatel



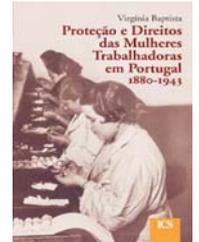
▶ *Almanach dos Açores*, 1904, p.47

Conta da receita e despeza da corrida de touros realizada na Praça de S. João, no dia 23 de outubro, em benefício da ex. <sup>ma</sup> sr. <sup>a</sup> D. Maria Theodora Pimentel.	
Aluguer da Praça	50\$000
Dito de touros	80\$000
Selo	15\$000
Capinhas	20\$000
Phylarmonica Recreio dos Artistas	10\$000
Aluguer da água	15\$000
Papel, cartões e envelopes	6\$855
Thyographia	6\$250
Foguetos e clarim	7\$525
Despezas do curro	\$800
Porteiros e homem de trabalho	4\$325
Aluguer de carroça para o bando	1\$000
Foguetes	5\$750
Farpas	5\$360
Cobrança e distribuição de cartas	1\$875
Allugueres de bestas	\$600
	Réis 230\$640
Saldo a favor da beneficiada	4\$560
	235\$200
Receita	
Camareiros	132\$000
Bilhetes de sombra	28\$125
• vendidos na bilheteira	75\$075
	235\$200

▶ *O Angrense*, nº2481 de 24 de novembro de 1892.

## Recomendamos a leitura

A figura de Maria Teodora Pimentel, tendo sido a primeira médica açoriana, levamos a pensar sobre a presença feminina no mercado de trabalho, não apenas nos Açores, mas também em Portugal, e, tratando-se de um tema complexo, compreendê-lo não será tarefa fácil. Sabemos que, com o passar do tempo, a representação feminina é consolidada nas mais diversas áreas profissionais, pelo que deixamos algumas recomendações de leituras para aprofundamento de conhecimentos sobre esta temática.



Em primeiro lugar, da historiadora Virgínia do Rosário Baptista a obra *As Mulheres no Mercado de Trabalho em Portugal: Representações e Quotidianos (1890 - 1940)*, de 1999, e, ainda da mesma autora, o livro *Proteção e Direitos das Mulheres Trabalhadoras em Portugal 1880 - 1943*, de 2016. Duas obras incontornáveis que pretendem dar a conhecer o percurso profissional das mulheres e o seu contexto jurídico.

Na obra *Mulheres Portuguesas*, de 2015, da autoria da historiadora Irene Flunser Pimentel e da jurista Helena Pereira de Melo, as autoras debruçam-se, entre diversos temas de cariz social e político, sobre a realidade da mulher no mercado de trabalho numa análise que começa no final do século XIX e termina no início do século XXI.

Finalmente, recomendamos também o artigo de Paulo Guinote *A Mulher e o Mundo do Trabalho na 1ª República* presente na obra *Mulheres na 1ª República. Percursos, Conquistas e Derrotas*, coordenado por Zília Osório de Castro, João Esteves e Natividade Monteiro.

Boas leituras!

Bruna Valério

## Sabia que...

Segundo as estatísticas da base de dados Pordata, em Portugal há profissões que continuam a ser tendencialmente masculinas (polícia, por exemplo) e há profissões que persistem com predominantemente femininas: educadora de infância ou assistente social. Porém, desde 2019, os dados comprovam que em outras áreas consideradas masculinas — a medicina, a magistratura e a advocacia — as mulheres já ultrapassaram os homens! Esta é, pois, uma conquista recente, dado que, em finais do século XIX, eram muito poucas as jovens que frequentavam a universidade e para cursar direito ou medicina. As que o fizeram, representaram a exceção e não a regra, dado que, apesar de haver mulheres matriculadas nas Escolas Politécnicas, a Universidade de Coimbra era diferente: única no país, constituía um universo masculino e profundamente conservador. De resto, as mulheres estudiosas e com carreiras profissionais eram criticadas e olhadas com desconfiança...

Na área da medicina, distinguiram-se 3 mulheres: Domitila de Carvalho (1871-1966), Adelaide Cabete (1867-1935) e Carolina Beatriz Ângelo (1877-1911). A primeira, natural da região de Aveiro, requereu a entrada na Universidade em 1890. O reitor obteve permissão do Ministro da Instrução Pública e Belas Artes, mas impediu-a de usar o traje académico. Tratava-se de um caso excepcional, pois era a primeira mulher a frequentar a academia. Em 1894, licenciou-se em Matemática e em 1904 concluiu o curso de Medicina. Chegou a exercer em Lisboa, na Assistência Nacional aos Tuberculosos, mas acabou por ingressar no Liceu D. Maria Pia — o primeiro liceu feminino da capital — do qual foi diretora. A segunda, natural de Elvas, tinha já 22 anos quando fez exame de instrução primária, mas continuou a sua formação até entrar na Faculdade de Medicina, em 1896. Concluiu o curso em 1900, na especialidade de ginecologia. Iniciou a sua atividade, contrariando os preconceitos da época e acumulando com a lecionação no Instituto Feminino de Educação e Trabalho, de Odivelas. A terceira, iniciou os seus estudos na Guarda, seguindo, depois, para Lisboa onde veio a ingressar na Escola Médico-Cirúrgica e concluiu o curso em 1902. Todavia, por ser mulher, nunca lhe concederam o título de doutora. Ainda assim, Carolina Ângelo foi a primeira médica a operar no Hospital de S. José, a trabalhar com Miguel Bombarda, no Hospital de Rilhafoles, acabando por exercer ginecologia.

Longe iam os tempos em que a norte-americana Elizabeth Blackwell (1821-1910), contra tudo e contra todos, e após ser rejeitada por todas as escolas médicas a que concorrera, conseguiu ser admitida no curso de Medicina, do Geneva Medical College, em 1847. A sua tese de licenciatura foi sobre a febre tifóide e ela é considerada a primeira médica dos EUA e do mundo.

Susana Serpa Silva